

MARCAS HISTÓRICAS NO NACIONALISMO PORTUGUÊS

HISTORICAL MARKS IN THE PORTUGUESE NATIONALISM

Danglei de Castro PEREIRA (UEMS/CNPq/)*

Resumo: O texto comenta a presença de tensões históricas na literatura portuguesa, dando especial atenção aos aspectos da temática nacionalista nessa tradição. O caminho analítico implica o cotejo de obras representativas dentro da tradição literária portuguesa face à ideia de permanência temática e de possíveis reflexos da tradição literária em Portugal na interface com valores históricos. O foco analítico valoriza a presença de caminhos trilhados pelo nacionalismo em diferentes obras literárias, dando enfoque, quando possível, na relação entre literatura e História.

Palavras-chave: Nacionalismo – Literatura portuguesa – Tradição.

Abstract: The text comments the presence of historical tensions in the Portuguese literature, thus giving special attention to the nationalist aspects of the thematic in that tradition. The analytic way implies the comparison of representative works in the Portuguese literary tradition faced with thematic endurance and possible reflexes of the literary tradition in Portugal in the interface with historical values. The analytical focus values the presence of ways which are well-trodden by the nationalism in different literary works, giving focus, when possible, in the relationship between literature and History.

Keywords: Nationalism – Portuguese Literature – Tradition.

Introdução

Ao pensarmos a relação entre literatura e História recorreremos, como recorte específico, a presença nacionalismo como tema revisitado na narrativa portuguesa. Tomamos o conceito de tradição, entendido aqui, na aresta do que propõe Todorov (1994), como resultado de contatos e recorrências temáticas e/ou estéticas como fonte de influência dentro de uma determinada produção literária. É por meio da tradição que os temas culturais são retomados e discutidos no trabalho compreendendo, nesse percurso, que a ideia de cultura implica na apresentação de um dado recorte histórico, conduzindo a confluências temáticas em constante diálogo dentro de uma tradição.

Ao discutir a reorganização dos modelos estéticos do passado na arte, Hegel (1995) – nascido em 1770 e morto em 1831 – compreende o discurso artístico como

* Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Campus São José do Rio Preto. Professor de Literatura e cultura brasileira na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Caixa Postal: 351, CEP:79804-970, Dourados, MS –Brasil. O trabalho é resultado da atuação enquanto professor de Literatura Portuguesa no período de 2006 a 2008 na UEMS. Fomento: CNPq. E-mail: danglei@uems.br

tensão diante valores históricos. Para o autor (1995) a reflexão crítica sobre a totalidade social por meio do ponto de vista subjetivo – liberdade do *Geist* – é aspecto importante na constituição da dialética entre Homem (individual e relativo) e Mundo (outro e universal) o que permite pensar a relação entre arte e História como espaço plausível e relevante.

Bloom (1993) comenta que um texto sempre remonta uma obra anterior, atualizando, ampliando ou revitalizando em seu percurso temático os temas do passado em um diálogo nem sempre amigável. Entendido desta forma, os valores da tradição são formados por elos temáticos, por proximidades estilísticas e por recorrências ora tensivas ora confluentes na diversidade de textos presentes em um período histórico. Não cabe aqui discutir pormenorizadamente o conceito de historiografia literária ou a relação entre a literatura e a História, antes chamar a atenção para o fato de que é no interior dos diálogos temáticos que as fontes ou paradigmas estéticos de uma determinada tradição são revitalizados em um contínuo diálogo com fatores históricos, entendidos como fontes dialéticas da tradição.

Para o escopo deste trabalho discutiremos a permanência do nacionalismo como tema na literatura portuguesa, pensando em um percurso histórico que classificamos como *continuum* de tradição. A ideia de *continuum* de tradição deve ser compreendida como o diálogo de temas e procedimentos estéticos que geram interferências e atualizações de um tema quando de sua evocação em obras, situadas em diferentes contextos de produção.

O trabalho propõe como hipótese inicial a presença de um percurso ufanista e sua reorganização ao longo da tradição literária em Portugal ora como ponto destoante face à utopia; ora como afirmação de um sentido de fragilidade na afirmação desta utopia. Postulamos como desdobramento de nossa hipótese que o nacionalismo é fonte de recorrências críticas perceptíveis em nível profundo na obra de Camões e, mais explicitamente, em diferentes textos ao longo da tradição literária em Portugal.

Literatura e História: Duas faces do nacionalismo na literatura portuguesa

Machado de Assis (1985), em “Instinto de nacionalidade”, comenta que o nacionalismo é um percurso temático que filtra diferenças culturais rumo afirmação do singular e do individual, sem, contudo, fixar exageradamente a visão de cunho nacionalista sobre a idéia de exótico e de pitoresco comuns às representações indianistas

do romantismo brasileiro. Para o crítico, o nacionalismo suplanta os localismos em um processo de recondução da idéia de identidade como prolongamento da cor local como forma de expressão do viés nacionalista.

Esta visão do nacionalismo dialoga tensivamente com as considerações de Almeida Garrett (1978, p. 305), por contingência, Ferdinand Denis (1978) e, no Brasil, Gonçalves de Magalhães (2002) para quem o nacionalismo passa pela afirmação da diferença, portando, do singular e do local, muitas vezes, amalgamado à ideia de exótico e pitoresco. Em Garrett (1978) a exaltação da terra patrícia em *Viagens na minha terra* encontra um olhar crítico face à artificialidade das ninfas neoclássicas da então poesia árcade portuguesa, figurando, neste sentido, com afirmação do nacional em um processo contrário às convenções neoclássicas. O resultado é um nacionalismo que aponta para a afirmação do local e a busca por singularidades relacionadas à cultura portuguesa, objeto temático de *Viagens na minha terra*.

Garrett (1978) propõe a veiculação do nacional à necessidade dos poetas elegerem elementos representativos do espaço natural ao qual estão ligados. Para Garrett (1978)

a imensa cópia das composições pastoris, as quais não são riqueza, mas desperdício de nossas musas, ou pecam por empoladas, por inverossímeis, por baixas, por demasiado naturais, por sobejo elevadas. Um meio termo difficilimo de tocar, de nele permanecer, um estilo singelo como o campo, mas não rústico como as brenhas, são dos mais difíceis requisitos que de um poeta pode exigir (GARRETT, 1978, p. 305).

Quando retomamos Garrett (1978) e Assis (1985) o fazemos como forma de identificar um ponto tensivo face à temática nacionalista. Assis (1885) opera uma crítica ao localismo como necessário para a construção de um nacionalismo mais amplo e Garrett aponta na afirmação do local um caminho para o nacionalismo. Em outros termos, Garrett (1978) fala em “brenhas” em “desperdício de nossas musas” como forma de apontar para a necessidade de valorização do contexto português face às correntes que influenciavam as produções literárias portuguesas no início do século XIX; ao passo que Assis (1985) compreende o nacionalismo na adoção de procedimentos mais abstratos que filtram as influências presentes na cor local como forma de expressão do nacional.

Pensamos, neste sentido, que nos dois autores as diferenças estéticas, adoção ou não de elementos representativos da “cor local”, filtram influências mais profundas, passando, neste percurso, por uma acomodação ou tensão diante dos temas locais.

No poema “Camões” o *eu-lírico* embebido por um sentido de nacionalidade valoriza a tradição lusitana como forma de exaltação de seu povo e sua cultura. Camões, evocado como personagem de um poema saudosista, assume, no tom ufanista de Garrett, o retorno à tradição como forma de manutenção de um passado de “glórias” associados à cultura lusitana.

Este percurso temático - valorização do local como prolongamento de uma euforia nacionalista perdida ou fragmentada pelo contato com a cultura européia, sobretudo, francesa – revela a presença de tensões históricas na composição de Garrett, uma vez que possibilita a percepção de um desapontamento do eu-lírico do poema diante da situação degrada pela qual passa o país, então sob a ameaça de invasão napoleônica no início do século XIX. Este percurso é observado de forma mais explícita em *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano. Neste romance histórico a figura de Eurico transfigurado no Cavaleiro negro encarna o valor do homem lusitano e, ao mesmo tempo, expõe sua fratura, posto que os valores dogmáticos, implícitos na construção do personagem, apontam ironicamente para a decadência do modelo medieval português, fato que conduz a uma ironia na construção do personagem em sua interface com a agitação política de Portugal à iminência da invasão napoleônica e sob a égide da morte ou desaparecimento de D. Sebastião em Alquacer Quibir. .

Teríamos em Garrett e Herculano, vozes de afirmação do nacionalismo na correlação espaço nacional e fatores históricos, indicando um conceito profundo de nacionalidade, em muito ufanista, mas consciente da fragilidade política de Portugal no século XIX. Este percurso deixa implícita a ideia de uma fragilidade na utopia nacionalista proposta por Garrett ao compreender, mesmo que de forma indireta, a impossibilidade do nacionalismo como resultado harmônico entre estado de alma, espaço natural e identidade plena de Portugal. O resultado é a construção de personagens fragmentários no interior dos textos, nos quais a ideia de nacionalidade vem contaminada por sentidos lacunares. Os personagens centrais dos romances *Eurico, o presbítero* e *Viagens na minha terra* buscam, por isso, indicam que o contato com a tradição circunscrita no passado expõe a contaminação do sentido de pureza ou integridade do português em contato com o outro; o estrangeiro invasor e conquistador, respectivamente.

É nesta explicitação da iminência de contaminação que aparecem fraturas internas ligadas à cultura lusitana o que anuncia a impossibilidade de convivência pacífica entre o passado de glórias da nação lusitana e sua decadência ao final do século XVIII e início do século XIX. O resultado é a tentativa de resgate da cultura lusitana por meio de um lirismo propenso a focalizar o cenário e os valores culturais do país ibérico em uma opção catártica em busca do recomeço.

A tensão diante da fragilidade de uma plenitude nacional é encontrada na poesia de Fernando Pessoa. Os versos “Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito/ E a cor das flores é transparente de as velas grandes de grandes navios/ Que largam do cais arrastando nas águas por sombra /Os vultos ao sol daquelas árvores antigas” que abrem o poema “Chuva oblíqua”; bem como a obra enigmática de Alberto Caeiro em contraste ao tom cosmopolita de “Tabacaria”, de Álvaro de Campos, fornece exemplos da heterogeneidade do resgate cultural aqui comentado.

A idéia aqui defendida é a de que na valorização cultural do homem e do espaço lusitano encontramos a alusão à fratura da imagem hegemônica da nação portuguesa ao expor sua fragilidade utópica nas obras aqui comentadas. Assis (1885), neste sentido, contempla a ideia de deslocamento da cor local, enquanto espaço restrito de nacionalidade. Aludimos, nesse momento, a um sentido irônico subterrâneo ao nacionalismo português. Em “Chuva oblíqua”, por exemplo, o *eu-lírico* identificado ao espaço lusitano em transformação é levado, pela necessidade de aceitação do novo, ao contato com a transposição do passado em um novo conjunto de valores culturais, agora mais híbrido.

O *eu-lírico* em “Chuva oblíqua” cai pelo “abismo feito de tempo” e, neste percurso, introduz flechas cosmopolitas, retomados, posteriormente, no poema “Tabacaria”, de Álvaro de Campos; mas que no poema de Pessoa hortônimo evidenciam a falência de um nacionalismo utópico como compreensão da fragilidade da plenitude nacional em Portugal no início do século XX. A evocação do “carroussel” ou mesmo de lembranças da infância, como, por exemplo, a imagem inglesa do “jockey amarelo”, em “Chuva oblíqua”, a constante alusão a modernização de Portugal no poema são argumentos em favor da consciência do *eu-lírico* diante da necessidade de atualização das glórias do passado em um novo percurso à mercê de uma “esfinge enigmática” que “Chuva oblíqua” apresenta como forma de chamar a atenção do leitor para a presença de um novo arranjo histórico em Portugal no século XX.

Este posicionamento indica o incomodo do *eu-lírico* de “Chuva oblíqua” face à tradição. Ao mesmo tempo aproximamos o poema ao tom irônico de Antônio Lobo Antunes, anos mais tarde, em *Os cus de Judas* quando da idéia de pureza nacional.

Fique comigo agora que a amanhã de Malanje incha dentro de mim, vibra dentro de mim, invertida, agitações deformadas de reflexo, e estou sozinho no asfalto da cidade, perto dos cafés e do jardim, possuído de um insólito desejo sem objeto, indefinido e veemente, a pensar em Lisboa, na Gija ou no mar, a pensar nas casas de putas sob eucaliptos e nas suas camas repletas de bonecas e *naperons*. O medo de voltar ao meu país comprime-me o esôfago, porque, entende, deixei de ter lugar fosse onde fosse, estive longe demais, tempo demais para tornar a pertencer aqui, a estes outonos de chuvas e de missas, estes demorados invernos despolidos como lâmpadas fundidas, estes rostos que reconheço mal sob as rugas desenhadas, que um caracterizador irônico inventou. Flutuo entre dois continentes que me repelem, nu de raízes, em busca de um espaço branco onde ancorar, e que pode ser, por exemplo, a cordilheira estendida do seu corpo, um recôncavo, uma cova qualquer do seu corpo, para deitar, sabe como é, a minha esperança envergonhada (ANTUNES, 2003. p. 222).

Ao pensarmos em *Os cus de Judas* fica evidente não só no excerto citado, mas ao longo do romance, uma abordagem da nação portuguesa contaminada pela presença de “Gija”, metáfora da África, em um processo de ambientação do personagem central do romance com “medo de voltar ao meu país comprime-me o esôfago, porque, entende, deixei de ter lugar fosse onde fosse, estive longe demais, tempo demais para tornar a pertencer aqui”. A ideia de um resgate do puramente lusitano é apresentada como um fragmento na identidade do personagem uma vez que este aparece “flutuando” e “em busca de um espaço branco onde acordar”, mas ciente de que vive entre dois continentes. Com os pés firmes em uma duplicidade, ou seja, apresentando consciência de sua hibridez, o personagem não reconhece como nitidez os “demorados invernos despolidos como lâmpadas fundidas”.

É no contato com o novo, no caso a África, que o personagem reconhece sua hibridez. A “cordilheira estendida” comparada ao corpo da mulher, não só Gija, mas a mulher africana e negra, simboliza no romance de Antonio Lobo Antunes, o contato do português com o novo continente, fato que pode conduzir ao efeito metafórico associado à figura feminina no romance. Nele a mulher, Gija, surge como prolongamento do continente e, neste sentido, as “covas do corpo” alinhadas ao tom de cordilheira estendida e sempre às mãos do narrador é compreendida como contato com

o novo espaço, com a nova raça. É no contato com o novo, metaforizado no romance pelo corpo sensual de Gija que o narrador produz a reorganização dos valores do lusitano, agora incompreendido dentro de seu próprio conjunto de valores culturais e, por isso, estrangeiro em sua matriz cultural.

A constatação da contaminação das imagens de uma identidade eminentemente lusitana cria, no romance, a dinâmica de distanciamento e proximidade do personagem à ideia de nação, conduzindo a valorização do contexto português não pela afirmação do local, mas pela constatação de sua hibridez no paralelo com outra cultura em uma gradativa incorporação do outro, no caso, a cultura africana.

É neste contexto que situamos a obra de Lobo Antunes e, mais especificamente, a narrativa irônica de *Os cus de Judas* aqui utilizada como exemplo de um percurso irônico face ao nacionalismo utópico de Garrett e, por vezes, de Herculano, mesmo compreendendo o lastro temporal que separam as produções. Neste olhar irônico o local assume uma conotação de lembrança, de reminiscência que valoriza o universo lusitano, mas, ao mesmo tempo, aponta para a fragilidade de sua matriz cultural.

Pensado por este prisma o sentido de hibridez cultural proporciona a reflexão sobre o processo colonial português. José Saramago em *Jangada de Pedra* expõe esta fratura ao mitificar o distanciamento da cultura lusitana em um sentido de contraste cultural diante da Europa. É uma forma também irônica de apontar para a necessidade de revisão do percurso histórico em Portugal para além do esgotamento da imagem grandiosa do Portugal das grandes navegações, objeto temático de *Os lusíadas*, de Camões.

O duplo como ponto de partida na tradição portuguesa

Os dois paradigmas apontados há pouco – viés utópico e a compreensão de hibridez cultural - estão incutidos na composição de dois romances: *A ilustre casa dos Ramires* e *A cidade e a serras*, de Eça de Queiroz. No caso de Eça de Queiroz a presença do saudosismo e da melancolia diante de Portugal em estado de transformação econômica no final do século XIX dita o tom saudosista de Gonçalo Ramires na composição da novela histórica “A torre de D. Ramires”, espécie de nobiliário que funciona como fundo histórico ao romance de Eça de Queiroz.

A novela histórica de Gonçalo Ramires, personagem central de *A ilustre casa*, neste sentido, é um relato implicado que revela, em nível profundo, a estagnação dos

valores hierárquicos que deram sustentação ao que podemos identificar como modo de vida português até meados do século XVIII. A decadência da Casa dos Ramires justifica um posicionamento crítico diante da fragilidade dos valores da fidalguia portuguesa que tem em Gonçalo Ramires um dos últimos representantes. A novela de fidalgos decadentes – como dito, espécie de nobiliário amalgamado à composição do romance de Eça de Queiroz – impede o resgate histórico das glórias da casa dos Ramires e, metonimicamente, metaforiza decadência dos modelos medievais e aristocráticos em desuso no final do século XIX.

O nobiliário de Gonçalo Ramires evidencia, nesse sentido, a presença de uma sociedade emergente que ganha força política e econômica no Portugal do final do século XIX e que surge, ironicamente, na metáfora da decadência econômica e moral atravessada pelo personagem Gonçalo Ramires ao longo de sua trajetória diegética. Em *A cidade e as serras* teríamos um desdobramento deste percurso crítico, pois o contraste cidade *versus* campo sugere como tema de tese do romance que os modelos arcaicos sucumbem face à nova ordem social imposta a Portugal após o século XIX.

É na tentativa de resgate da tradição centrada em um passado em muito decadente que Eça expõe, por meio de seus dois romances, a necessidade de superação do passado como forma de apresentar novos rumos ao desenvolvimento de Portugal. É justamente por esta perspectiva que temos a possibilidade de leitura irônica como mola construtora de um nacionalismo crítico em Eça de Queiroz. O resultado é a deflagração da decadência sentida pela impossibilidade de Gonçalo Ramires dar termo a sua novela, metáfora concreta da influência política e econômica do fidalgo decadente no contexto burguês ao fim do século XIX.

Nos dois romances é latente a necessidade de inclusão do homem português no processo de reorganização da nação. Em Eça a adesão ao passado é que determina a trajetória de perda das origens, tema central da narrativa simbólica de *A cidade e as serras* e que faz de Gonçalo Ramires um fidalgo sem pátria, sem espaço e, por isso, superado pela nova conjuntura política e econômica de Portugal, ironicamente, apresentada, no século XX, por Antonio Lobo Antunes no romance aqui comentado.

Uma vez superada a dualidade inicial entre a permanência da tradição e sua superação, Gonçalo Ramires indica a inoperância da tradição histórica presa ao passado de forma unilateral. Ao apresentar criticamente a trajetória familiar de um fidalgo decadente, o nobiliário incompleto de Gonçalo Ramires indica que a busca pelo passado de glórias de Portugal é propenso à derrogação, razão pela qual o romance focaliza a

diluição de uma tradição, metaforizada na ruína da casa dos Ramires e, metonimicamente, de uma tradição superada e contaminada. A permanência ao passado, nesse caso, é impossível e sua fixação à tradição representa a decadência de Portugal, da qual a casa é uma alegoria.

Em *Casa na Duna* Carlos Oliveira nos dá outro exemplo do embate entre o passado *versus* inovação enquanto enfrentamento e aproveitamento de temas históricos no interior da literatura portuguesa. *Casa na duna* congrega em seu bojo a decadência do homem português, inoperante diante das inovações do século XX. A fábrica fracassada, o desmoronamento da “casa” construída metaforicamente no passado em um espaço movediço – “duna” – determina, metonimicamente, a trajetória de fracassos presentes no romance.

Carlos Oliveira aponta para o fim de um percurso utópico associado à cultura portuguesa. A impossibilidade de manutenção do passado na constatação da chegada do progresso por meio da modernização do país explicita a crítica à visão portuguesa identificada em Gonçalo Ramires. É por conta da impossibilidade de regresso ao passado de glórias que a “estrada”, símbolo do progresso e da modernização em *Casa na duna*, impõe o fim do sonho de prosperidade de Mariano Paulo, pois a indústria de telhas e a retomada da influência do personagem ficam legadas ao passado. A impossibilidade de regresso funciona como denuncia do fim do poder econômico e na consequente constatação da fragilidade do personagem, destituído de seu passado, de seu poder econômico e de seu nome.

Casa na duna, neste sentido, indica o fim de uma época. Gonçalo Ramires e Mariano Paulo são expressões metonímicas da tese de Eça de Queiros em *Cidades e as serras*, na qual identificamos a presença de uma nova conjectura política para Portugal, pensado a partir da impossibilidade de seu isolamento cultural; temas frequentes na literatura portuguesa no século XX, principalmente, em José Saramago e Antonio Lobo Antunes.

Considerações finais

A concluirmos este texto achamos prudente comentar que nosso objetivo foi estabelecer uma linha de discussão na interface entre literatura e História. Lembramos que não é preocupação do trabalho polemizar a expressão artística como simulacro do discurso histórico, apenas apresentar uma linha de leitura que possibilite uma reflexão

sobre esta possibilidade. A ideia central foi apontar, sempre que possível, para a ironia inerente à utopia nacionalista em Portugal.

À guisa de conclusão, pensamos que o nacionalismo na tradição portuguesa é uma importante fonte temática, mas em seu interior, compreendemos a superação da visão utópica inicial rumo a criação de novos caminhos, novas formas de discutir a História de Portugal, percurso adotado neste estudo.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, A. L. *Os cus do Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- ASSIS, M. de. Instinto de nacionalidade. In. _____. *Obras completas: crítica*. São Paulo: Aguillar, 1987. p. 767-778.
- BLOOM, H. *A Angústia da influência*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CIDADE, Hernani. *Luís de Camões: a obra e o homem*. 4ª ed. Lisboa: Arcádia, 1980.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *História Literária de Portugal*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1996.
- GARRETT, A. A restauração das letras, em Portugal e no Brasil em meados do século XVIII. In. _____. CESAR, G. (Org.). *Historiadores e críticos do romantismo: 1 a contribuição europeia: crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1978.
- HEGEL, G. F. *Filosofia da história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- MAGALHÃES, G. de *Suspiros poéticos e saudades*. Brasília, Editora da UNB, 2002.
- OLIVEIRA, C. *A casa na duna*. São Paulo: Duas cidades, 1990.
- PESSOA, F. *Obras completas de Fernando Pessoa: poesia*. São Paulo: Ática, 1989.
- QUEIROZ, E. *A ilustre casa dos Ramires*. São Paulo: Objetiva, 2000.
- _____. *Acidade e as serras*. São Paulo: Objetiva, 2000.
- ROSENFELD, A. Aspectos do romance moderno. In. _____. *Texto/Contexto 1*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- SARAMAGO, J. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Record, 1993.

Artigo recebido em 17/08/2012. Aprovado em 26/11/2012.